V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

TEMAS EM BIOQUÍMICA PARA INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS: UMA EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

THEMS IN BIOCHEMISTRY FOR THE INCLUSION OF VISUAL DISABILITIES: AN EXPERIENCE IN 1st YEARS OF MIDDLE SCHOOL TIMES

Apresentação: Relato de Experiência

Valéria Marinho Leite Falcão¹; Gerdeon Santos Nunes²; José Weverton
Henrique Santos³; Edlane Eusébio da Silva Oliveira⁴; Anabelle Camarotti de Lima Batista⁵

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00320>

Introdução

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) fixada pela Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, no seu artigo 88, título X temos que: “A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade”. Assim, falar de inclusão não implica apenas em que os alunos deficientes estejam na mesma sala que os demais, mas antes, que ambos tenham a mesma qualidade de formação social e intelectual, independentemente do tipo de deficiência.

Para uma maior integração desses excepcionais, como também para uma melhoria no processo ensino/aprendizagem, tem-se a proposição de aplicação de atividades lúdico-criativas durante as aulas de Biologia, como já proposto por Pereira (2010, p.84) quando para o ensino de Ciências Naturais no Ensino Fundamental. Considerando esse aspecto, em 2013, professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, UNESP/USP, Campus Marília, fizeram uma avaliação das estratégias de ensino que estão contidas na Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Ao final puderam propor recursos didáticos lúdicos e indicar modificações, considerando os que já são propostos, que venham a favorecer a participação do aluno com deficiência visual juntamente com alunos sem deficiência (FIORINI et al. 2013).

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias, CCHSA, UFPB, valeriefalcao001@gmail.com;

² Graduando em Licenciatura em Ciências Agrárias, CCHSA, UFPB, gerdeonsantos1@gmail.com;

³ Graduanda em Licenciatura em Ciências Agrárias, CCHSA, UFPB, laneusebio@gmail.com

⁴ Graduando em Agroecologia, CCHSA, UFPB, josewevertonsantos91@gmail.com

⁵ Departamento de Agricultura, CCHSA, UFPB, bellecamarotti@gmail.com

Nesse contexto de adequação das propostas curriculares dos estados, Barros e colaboradores (2015) revelam uma análise feita por entrevista com alunos atendidos por um CAP (Centro de Apoio Pedagógico) e seus respectivos professores, onde revelou que as maiores dificuldades encontradas são: “(...) a falta de materiais, recursos e equipamentos adaptados aos alunos com deficiência visual; o número elevado de alunos nas classes comuns; a falta de formação adequada de professores à diversidade dos alunos, entre outras.”. Com base nesse resultado, extrapola-se o problema para os alunos com deficiência auditiva.

Na perspectiva de melhoria do processo de ensino/aprendizagem para todos (com e sem deficiência), o presente trabalho vem relatar a nossa experiência com os alunos do 1º ano do Ensino Médio regular, no tocante a aplicação de materiais didáticos adaptados para os deficientes visuais. A abordagem foi com tema relacionado à Bioquímica.

Relato de Experiência

A problemática observada nas escolas públicas é a falta de material didático direcionado para um aprendizado mais lúdico e inclusivo para deficientes auditivos e visuais. Além de profissionais capacitados para trabalharem a aceitação das diferenças em sala de aula e os diferentes temas na área de ciências de forma a contemplar todos os alunos, com ou sem deficiência. Esses aspectos já vêm sendo discutidos na literatura (BERNARDO, 2016; FLORES et al. 2017) e aqui vamos discorrer sobre a nossa experiência, analisando especialmente esses dois pontos, em uma sala de aula com alunos não deficientes visuais.

O presente relato trata da experiência que os alunos, bolsistas e voluntários, do projeto de extensão “Instrumentação de aulas para inclusão de deficientes auditivos e visuais em temas de Bioquímica e Genética: uma abordagem no ensino médio”, cadastrado na Universidade Federal da Paraíba, edital PROBEX 2018, tiveram durante a aplicação de uma das aulas.

A metodologia utilizada foi a análise etnográfica, onde o sujeito foi analisado dentro do seu contexto escolar (ANDRÉ 1995). A escola de execução do projeto foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho, localizada à Rua Governador Pedro Gondim, bairro Conjunto Major Augusto Bezerra, Bananeiras, Paraíba. Atualmente a escola foi reformulada e o seu ensino passou a ser integral e técnico abrangendo apenas alunos do ensino médio. Em razão dessa mudança a escola atualmente faz parte do projeto do governo do Estado de Escola Cidadã Integral. Para a realização das atividades foram levados

materiais previamente confeccionados pela equipe. Poucos materiais foram solicitados diretamente a escola. O público alvo foram alunos do 1º ano do ensino médio regular, sem deficiência visual e que nunca haviam sido sensibilizados quanto a linguagem código Braille. Embora a escola tenha dois professores com deficiência auditiva e já tenha albergado alunos com deficiência visual e auditiva, a mesma não possui materiais didáticos adaptados a essas necessidades.

Nessa prática extensionista buscamos a sensibilização dos estudantes quanto à escrita e leitura em linguagem código Braille de diferentes palavras relacionadas com a temática da bioquímica. As palavras foram selecionadas em uma das reuniões do grupo do projeto de extensão em conjunto com o professor da disciplina de Biologia da escola parceira.

O material utilizado durante a prática foi obtido de forma a demonstrar a sustentabilidade da ação. Foram usadas caixa de ovos, desprezadas, para fazermos as celas; e folhas de papel, desprezadas, para fazermos os pontos (Figura 1). A aula foi dividida em três etapas, na primeira etapa os alunos da escola foram sensibilizados quanto ao alfabeto em código Braille. Na segunda etapa os alunos foram vendados e foi solicitado para eles que lessem palavras escritas em código Braille e depois que eles mesmos escrevessem, ainda de olhos vendados, as palavras solicitadas nas celas. Os acertos e erros foram anotados. Na terceira etapa os alunos foram estimulados a escreverem legendas para caracterizarem estruturas bioquímicas previamente trabalhadas pelo professor de Biologia da escola. Declarar-se que todo o material utilizado foi deixado na escola para que os professores possam utilizar para a sensibilização com outras turmas.

Figura 1: Atividade Experimental (braile) evidenciando a cela (em caixa de ovos) e os pontos (em bolas de papel). Fonte: Própria

Considerações

Ao final da prática foi possível observar o resultado positivo de se trabalhar com materiais didáticos de cunho pedagógico para inclusão, mesmo que com alunos videntes. A

sensibilização dos mesmos quanto à aceitação do material foi excelente. Eles demonstraram trabalho em grupo, um aluno ajudando o outro, mesmo que nos não tenhamos pedido para eles fazerem. Assim, se espera que a familiarização com o material e com a linguagem código Braille favoreça uma maior aceitação das diferenças quando um aluno com deficiência visual chegar ao colégio, pois a acolhida desse aluno irá influenciar no seu processo de ensino/aprendizagem. Trabalhos de continuidade da ação discutida brevemente nesse relato estão sendo planejados com vistas a fazer da escola uma referência para inclusão de deficientes auditivos e visuais na cidade de Bananeiras.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. DE. **Etnografia da Prática Escolar**. 18^o ed. Rio de Janeiro: Editora Papirus, 1995.
- BARROS, A. B.; SILVA, S. M. M. da; COSTA, M. P. R. Dificuldades no processo de inclusão escolar: percepções de professores e de alunos com deficiência visual em escolas públicas. **Bol. - Acad. Paul. Psicol** v. 35; p. 145-163. 2015 .
- BERNARDO, F. G.; Recursos e adaptação de materiais didáticos para a inclusão de alunos com deficiência visual no ensino de matemática. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, out 2016
- CYRULIES, E. E. Actividades de capacitación docente en Física utilizando un automóvil. **Rev. Bras. Ensino Fís.** v. 39; p. 4503 – 4510. 2017.
- FIORINI, M. L. S.; DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Estratégias de ensino para alunos deficientes visuais: a proposta curricular do estado de São Paulo. **Motriz (Rio Claro)** v. 19 p. 62-73. 2013.
- FLORES, A. S.; ESCOLANO, A. C. Morales; DORNFELD, C. B. Recursos didáticos como complemento ao ensino de biologia para professores com deficiência visual: um estudo de caso. **Cadernos de Pesquisa** v. 24 2017.
- SENO, W. P.; BELHOT, R. V. Delimitando a fronteira para a identificação de competências para a capacitação de professores de engenharia para o ensino a distância. **Gest. Prod** v. 16 p. 502-514. 2009.